

COMPORTAMENTOS AGRESSIVOS SOB A PERSPECTIVA DE PESSOAS COM AUTISMO NO *INSTAGRAM*: ANÁLISE DE CONTEÚDO

Maria Gabriela Vicente Soares ¹
Wesley Alves de Araújo ²
Mickaelle Fernandes Cordeiro ³
Kethelyn Lay Basílio Nunes de Brito ⁴
Marília Pereira Dutra ⁵
Lilian Kelly de Sousa Galvão ⁶

RESUMO

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido um tema que vem ganhando notoriedade na produção de estudos científicos. Os índices de diagnóstico, cada vez mais ascendentes, podem ser um dos principais responsáveis pela ampliação dos estudos acerca da temática. As características do TEA estão presentes desde o início da fase do desenvolvimento infantil e, embora os comportamentos agressivos não estejam diretamente relacionados às características do transtorno, estudos apontam para uma prevalência de três a quatro vezes mais comportamentos agressivos em indivíduos com desenvolvimento atípico, ao serem comparados aos indivíduos de desenvolvimento típico. Tendo como base a definição de autismo explicitada no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (DSM-5) e a conceituação clássica de agressão de E. Staub, o presente estudo objetivou analisar relatos de jovens e adultos autistas, publicados no *Instagram* de janeiro a dezembro de 2021, sobre autismo e agressão. Trata-se de uma pesquisa de análise documental e coleta de dados públicos de rede social. 68 perfis foram analisados e tiveram suas publicações transcritas e submetidas à Análise de Conteúdo de L. Bardin. Com a colaboração de três juízes, o conteúdo coletado foi organizado em cinco categorias: Características do autismo e agressão; Autoagressão e autismo; Como lidar com a agressão; Autistas como vítimas de agressão; e Agressão e causas sociais.

Palavras-chave: Autismo, Agressão, *Instagram*, Análise de Conteúdo.

INTRODUÇÃO

O termo agressão corresponde a um construto complexo e multideterminado, e não há consenso entre os teóricos acerca da sua definição (DUTRA, 2020; DUTRA; GALVÃO; CAMINO, 2020). Staub (1975) conceitua a agressão como comportamentos intencionais que

¹ Graduanda do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, psicop.mabi@gmail.com;

² Graduando do Curso de Psicopedagogia da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, weslleyaraujo@gmail.com;

³ Graduanda em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mickaelle2016fernandes@gmail.com;

⁴ Graduanda em Psicopedagogia pela Universidade Federal da Paraíba - UFPB, kethelynlay15@gmail.com;

⁵ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social da Universidade Federal da Paraíba - UFPB, mdutraccg@gmail.com;

⁶ Professora orientadora: doutora em Psicologia pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e docente do curso de Psicopedagogia da UFPB, lilian.galvao@academico.ufpb.br.

visam promover danos ao outro. De modo geral, a agressão assume diversas formas, entre elas, física e verbal, direta e indireta, ativa e passiva; além de diferentes funções como reativa, quando há o intuito de prejudicar alguém, ou proativa, quando impulsionada por algum objetivo (BUSHMAN; HUESMAN, 2010; BORSA; BANDEIRA, 2014).

Sobre as causas da agressão, a literatura aponta diversos fatores situacionais, como temperaturas quentes, ruídos altos, rejeição social e afins, bem como fatores ambientais predisponentes, como culturas violentas, pobreza comunitária, baixo suporte emocional familiar, entre outros (DUTRA, 2020).

Um estudo sistemático feito por Nunes *et al.* (2020) aponta para consequências psicológicas acentuadas e preocupantes dos comportamentos agressivos, afetando tanto o desenvolvimento físico, quanto psíquico, relacionando-os com a probabilidade do desenvolvimento de psicopatologias, dependência de substâncias e ideação suicida. Tais consequências podem afetar tanto indivíduos neurotípicos, quanto atípicos.

Um estudo realizado por Roberts (2003) aponta uma prevalência de três a quatro vezes mais comportamentos agressivos em pessoas com algum tipo de transtorno do desenvolvimento, quando comparadas com pessoas de desenvolvimento típico. Ainda segundo dados da mesma pesquisa, a prevalência desses comportamentos agressivos não está diretamente relacionada ao grau de comprometimento do transtorno.

Em um outro estudo, realizado com 121 pessoas autistas com idades entre 3 a 20 anos e 244 pessoas com deficiências intelectuais e de desenvolvimento (DDI), com idades de 4 a 21 anos, observou-se que alguns tipos de agressões, como o bullying, a hostilidade e a agressão física, são mais comuns em pessoas com Transtorno do Espectro Autista, comparadas aos participantes com DDI (FARMER; AMAN, 2011). Em contraposição, um estudo realizado por Farmer *et al.* (2015) relatou que um grupo de crianças mais novas com Transtorno do Espectro Autista demonstrou menos agressividade em relação a um grupo de controle de crianças da mesma idade.

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado pelo Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais, em sua 5ª edição (DSM-5), como um transtorno do desenvolvimento neurológico no qual apresentam-se déficits na comunicação social em diversos contextos, além de padrões restritos e repetitivos de comportamento.

Ainda segundo o DSM-5, o TEA manifesta níveis de gravidade que variam de acordo com o grau de comprometimento do indivíduo em relação aos padrões restritos de comportamento e à comunicação social. Sendo denominados como níveis de suporte, eles são

divididos em nível 1 (exige apoio), nível 2 (exige apoio substancial) e nível 3 (exige apoio muito substancial).

As características do autismo estão presentes desde o início do período de desenvolvimento da criança, entretanto, podem ser percebidas, de forma mais clara, apenas após o desenvolvimento das interações sociais que excedem as limitações impostas pelo transtorno (SOARES; ARAÚJO; PALITOT, 2021). Atualmente, o TEA é compreendido como um transtorno que possui múltiplas etiologias, nas quais as bases biológicas são apenas parcialmente conhecidas (MARCOLINO, et al. 2020).

Sobre a relação entre autismo e agressão, Marcolino et al. (2020) afirmam que crenças estereotipadas podem surgir da visão errônea de que pessoas autistas são incontroláveis e com exacerbação de atitudes violentas, por não possuírem a mesma capacidade de generalização, nem seguirem o mesmo processo de desenvolvimento neurológico e emocional.

Com base no exposto, o presente estudo objetiva investigar o que os jovens e adultos autistas têm publicado em suas redes sociais, mais precisamente no *Instagram*, acerca do tema agressão e temas correlatos.

Nas palavras de Ortega et al. (2013), a possibilidade de inserção no mundo virtual trouxe para as pessoas com deficiência a saída de uma experiência exclusivamente privada, centrada no especialista, para uma experiência socialmente compartilhada, na qual o autista é o protagonista de sua própria história. Acredita-se que a sistematização deste conhecimento contribuirá para a discussão teórica sobre a agressão relacionada às pessoas com Transtorno do Espectro Autista.

METODOLOGIA

O presente estudo é caracterizado como pesquisa de análise documental e coleta de dados públicos de rede social (FRAGOSO; RECUERO; AMARAL, 2011). Esse tipo de abordagem permite explorar dados de determinada população em um certo contexto, neste caso, a população autista no *Instagram*, e descrever suas respectivas características, dentro da temática escolhida.

Para a coleta de dados, buscou-se por perfis no *Instagram* de jovens e adultos autistas, brasileiros, que produziam conteúdos acerca do autismo na referida rede social. Para seleção destes perfis, utilizou-se descritores como “autista”, “TEA”, “atípico”, “asperger”, entre outros semelhantes. Após a seleção, realizou-se a filtragem dos perfis, dos quais foram

descartados os que eram administrados por pessoas não autistas, os infantis, os que continham privação de seguidores e os que não produziam conteúdo sobre autismo.

68 perfis foram considerados aptos para o processo de filtragem do conteúdo. Para a formação do *corpus* de análise da pesquisa, dentro do recorte temporal de janeiro a dezembro de 2021, as legendas de *posts* dos perfis selecionados foram transcritas na íntegra em arquivo Word, desconsiderando vídeos, *stories* e *reels*.

O *corpus* foi lido e analisado por três juízes que selecionaram apenas os perfis que continham publicações sobre agressão e temas correlatos, como *bullying* e abuso sexual. Após o processo de filtragem de conteúdo, apenas 10 perfis foram escolhidos para a realização da análise de conteúdo categorial.

A organização dos dados foi realizada com base na análise de conteúdo, proposta por Bardin (2011), que conduz descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, que favorecem a reinterpretação das mensagens em um nível que busca exceder a leitura comum (MORAES, 1999). Desta forma, possibilitou-se a formação de categorias temáticas construídas a partir da colaboração de juízes, que definiram a pertença dos conteúdos às categorias, com índice de concordância de, no mínimo, 2 para 1.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O material coletado nos perfis foi organizado em cinco categorias: “Características do autismo e agressão”; “Autoagressão e autismo”; “Como lidar com a agressão”; “Autistas como vítimas de agressão”; e “Agressão e causas sociais”.

A primeira categoria, denominada “Características do autismo e agressão”, reuniu postagens que elencaram que algumas características do autismo, como o estresse emocional, podem estar relacionadas com a emissão de comportamentos agressivos.

Entre as postagens enquadradas nesta categoria, pode-se destacar o *post* do perfil de nº 07 que, ao trazer a pauta de agressividade no autismo, citou que “múltiplas coisas podem ser exigidas do indivíduo dentro do espectro (...) algo que tem respostas envoltas em estresse emocional”, argumentando, dentre outras ideias, que a agressividade pode surgir, muitas vezes, como resposta a uma sobrecarga social. Dentro de uma perspectiva semelhante, o *post* publicado no perfil de nº 02 traz:

“Em episódios de agressividade, o autista pode: Não estar compreendendo o contexto de uma situação. Estar com dificuldades para expressar suas necessidades e



sentimentos. Estar tenso ou ansioso. Estar sensível, vulnerável ao ambiente. Querer escapar de uma atividade ou situação de estresse.”

É interessante notar nos relatos supracitados que são os próprios autistas que protagonizam suas histórias e explicações sobre a emissão de comportamentos agressivos. De acordo com suas narrativas, eles não são pessoas agressivas. O que acontece é que eles acabam se mostrando, pelas características do TEA, mais vulneráveis a situações de sobrecarga sensorial e/ou social e, dessa forma, se mostram mais susceptíveis a emitir comportamentos agressivos. Não obstante, Allely et al. (2017) afirmam que há um estereótipo de violência premeditada vinculado a pessoas com autismo. Em contraposição, Westphal (2017) argumenta que há pouca evidência de que pessoas com TEA estejam mais propensas a cometer atos violentos. Além disso, também é importante ressaltar que as pessoas com maior risco de emissão de comportamentos agressivos são pessoas que, além do diagnóstico de autismo, também possuem associações com outros transtornos (MARCOLINO, et al. 2020).

Na segunda categoria, intitulada “Autoagressão e autismo”, foram agregadas as postagens que tratavam sobre episódios nos quais os autistas emitiram comportamentos autolesivos. Neste contexto, Lima (2021, p. 12) se refere à autoagressão como “um dos problemas mais devastadores e que aparece com certa frequência no TEA”. Além disso, o mesmo autor, ao citar Dempsey et al. (2016) e Duerden et al. (2012), relata que os sintomas sensoriais são indicados como o preditor individual mais significativo da autoagressão.

Em concordância com os autores, o autor do perfil de nº 02 publica que os episódios de autoagressão geralmente ocorrem quando a pessoa está sobrecarregada ou quando há uma crise para acontecer. Ele ainda ressalta que geralmente a autoagressão ocorre para buscar estímulos sensoriais para se “regular” quando há uma situação de estresse.

Como medida para amenizar os impactos resultantes da autoagressão, o autor do perfil nº 02 sugere que se verifique qual é a função do comportamento autolesivo e se busque uma alternativa similar, exemplo: “A pessoa que se morde durante uma crise, ao usar um mordedor ou mascar um chiclete pode encontrar sensação parecida sem se machucar” (Perfil nº 02).

Na terceira categoria, intitulada “Como lidar com a agressão”, foram reunidas postagens que se referem às falas dos autistas sobre como lidar com comportamentos agressivos. Na literatura acadêmica e científica há um vasto conhecimento a esse respeito. Gaiato e Teixeira (2018), no livro “O Reizinho Autista: guia para lidar com comportamentos difíceis”, trazem diversas instruções para pais e terapeutas acerca de como se deve agir mediante episódios de agressividade. Numa dessas instruções, os autores dizem: “logo que

uma crise de agressividade começar, devemos também conter a criança para que ela não corra o risco de se machucar ou machucar outra pessoa” (GAIATO; TEIXEIRA, 2018).

Entretanto, a relevância do conteúdo dessa categoria se encontra no fato de que, desta vez, as instruções sobre como lidar com os comportamentos agressivos partem dos próprios autistas. Como exemplo, tem-se o caso do perfil de nº 66 (autista e mãe de adolescente autista), que compartilhou com seus seguidores, uma estratégia eficaz para lidar com a agressão em sua casa:

“(…) Recentemente minha psicóloga me orientou a balançar meu filho quando ele estivesse desorganizado, confesso que o primeiro pensamento foi, como é que eu nunca pensei nisso antes. Coloquei em prática imediatamente e para minha surpresa funcionou demais, vou mais longe, ao abraçar e balançarmos juntos, eu sendo autista que acaba se desorganizando frente as suas crises, nos reorganizamos emocionalmente juntos. (...)”

Além deste relato, pode-se destacar também o perfil de nº 02, que orienta aos seus seguidores que, ao presenciar uma crise de agressividade, deve-se manter a calma e tentar entender se o comportamento agressivo tem por finalidade comunicar algo. Além disso, ele sugere evitar falar muito durante a crise e, caso seja agredido, conter, mas não revidar. No seu perfil, o autor do *post* ainda indica levar a pessoa autista para um local seguro e usar palavras reconfortantes.

A quarta categoria recebeu o nome de “Autistas como vítimas de agressão” e nela foram elencadas as postagens que relatam comportamentos agressivos praticados contra pessoas autistas, sob a perspectiva das vítimas. Nesse sentido, vale ressaltar a estatística que mostra que, quando crianças, o risco de sofrimento de maus tratos em autistas é de 1,5 a 3 vezes maior, quando comparado às pessoas em desenvolvimento típico (MARCOLINO, et al. 2020). Ademais, crianças com autismo podem estar em maior risco de vivenciar eventos traumáticos e de desenvolver sequelas relacionadas a tais eventos (JÄRBRINK; KNAPP, 2001; KERNS et al, 2015). Apoiando esses dados, no perfil de nº 050 há uma publicação que narra os desafios enfrentados decorrentes de violência sofrida na infância:

“Eu experimentei violência demais quando criança, e não existe criança exposta a violência demais sem outro tanto de negligência demais. O silêncio que eu conheço, é o do luto que vem depois da agressão; o silêncio de quem lambe a própria ferida. Outros silêncios, aqueles que não são ressaca do som ensurdecedor da violência, eu ainda estou aprendendo a conviver com eles. Tenho esperanças, mas acho que não vai ser tão rápido quanto eu gostaria.”

A vulnerabilidade a agressão também ficou explicitada na publicação compartilhada no perfil de nº 06 que diz “sempre fui a bobinha da turma (...) esse ano mesmo tive uma

experiência assim na faculdade, a pessoa me sacaneando, minha amiga percebendo e eu linda e plena, seguindo como se nada estivesse acontecendo”.

Outra reflexão que merece ser realizada, é que a maioria das postagens agregadas a esta categoria foram escritas por mulheres autistas, com um percentual de 80% para respostas femininas e 20% para as masculinas. Marcolino et al. (2020) afirmam que as mulheres têm o maior risco de serem vítimas de agressão, potencializado pela pobreza ou pela restrição social, estando mais vulneráveis a se envolver em relacionamentos abusivos.

Por fim, foram categorizadas como “Agressão e causas sociais” as postagens que abordam pautas sociais como violência contra a mulher, homofobia e abuso infantil, demonstrando que os autistas também participam da luta contra qualquer tipo de violência. Neste sentido, vale ressaltar que a luta das pessoas com deficiência, pelo reconhecimento como sujeitos livres e autônomos, capazes de se posicionar e participar da tomada de decisões em distintas esferas sociais, é pauta desde os anos de 1970 (RIOS, 2017).

Tem-se como exemplo desta categoria, a postagem explicitada no perfil de nº 31, em que o autor relata a seus seguidores que fez seu Trabalho Colaborativo de Autoria (TCA) sobre violência doméstica, no qual deixa um alerta: “mulheres, não se sujeitem a nenhuma violência doméstica”.

No perfil de nº 66 é feita uma postagem acerca da conscientização sobre o abuso infantil:

“(…) Confesso que quando penso no assunto que a 16 anos assola minha alma, sinto meu corpo inteiro estremecer. Não entendo porque este assunto segue sendo tabu na nossa comunidade nós mães precisamos desse suporte, por isso nos ensinam, falem conosco que temos filhos severos porque eu sinceramente não sei como fazer meu filho compreender algo tão complexo e por isso não relaxo um só segundo, este assunto deveria ser debatido incansavelmente em nossas redes sociais e porque ao invés disso só encontramos o silêncio? Nossas crianças autistas precisam ser protegidas e nossas mães atípicas devidamente orientadas”

O conteúdo dessa última categoria, assim como o das anteriores, demonstra que os autistas não se resumem a um diagnóstico e que podem, por meio das redes sociais, ser parte ativa da sociedade, protagonistas de um ativismo social e político, com total capacidade para debater acerca de qualquer temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora tenham sido encontrados, no *corpus* de análise pesquisado, relatos de pessoas autistas no papel de agressor, é imprescindível destacar que as postagens realizadas reportaram, majoritariamente, atitudes agressivas e/ou violentas nas quais jovens e adultos

autistas estavam na posição de vítimas, ou ainda, compartilhando informações de como se deve agir diante de situações que podem desencadear crises ou comportamentos agressivos.

Diversos autores, citados ao longo do trabalho, afirmam que a associação do Transtorno do Espectro Autista com os comportamentos agressivos não passa de um estigma social, que permanece sem comprovação científica consistente. Deve-se, portanto, na análise desses estudiosos, desconstruir as associações entre agressão e autismo do imaginário social, que acabam contribuindo para a marginalização de pessoas com deficiência e para a divulgação de discursos capacitistas e pejorativos.

Uma forma de favorecer essa desconstrução social é o empenho da comunidade acadêmica em desenvolver estudos, como este, que discutam a impropriedade da ideia de que pessoas autistas são impreterivelmente agressivas ou, até mesmo, que são incapazes de exercer a sua cidadania como participantes de debates acerca de temáticas sociais relevantes.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (FAPESQ/CNPQ/UFPB), pelo auxílio financeiro que contribuiu com a realização dessa pesquisa.

REFERÊNCIAS

ALLELY, C. S.; WILSON, P.; MINNIS, H.; THOMPSON, L. et al. GILLBERG. Violence is Rare in Autism: When It Does Occur, Is It Sometimes Extreme? **The Journal of Psychology**, v.151, n.1, p.49-68, 2017.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders**, Fifth Edition (DSM-5). Arlington, VA: American Psychiatric Association, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70. 2011.

BORSA, J. C.; BANDEIRA, D. R. **Comportamentos Agressivos na Infância**: da teoria à prática. Porto Alegre, 2014.

BUSHMAN, B. J.; HUESMANN, L. R. Aggression. *in* FISKE, S. T.; GILBERT, D. T.; LINDZEY, G. **Handbook of social psychology**, p. 833-863. 2010.

DUTRA, M. P. **Avaliação de Estratégias para a Redução de Comportamentos Agressivos em Crianças de 9 a 12 anos**. Dissertação de mestrado. João Pessoa, 2020.



DUTRA, M. P.; GALVÃO, L.; CAMINO, C. Promoção da empatia para redução de comportamentos agressivos: análise do grupo focal. 2020. **Brazilian Journal Development**, v. 6, n. 7, p. 46497-46505, 2020. DOI:10.34117/bjd 6n7-326

DEMPSEY, J.; DEMPSEY, A. G.; GUFFEY, D.; MINARD, C. G.; GOIN-KOCHEL, R. P. Breve relatório: Exame adicional de comportamentos autolesivos em crianças e adolescentes com transtornos do espectro do autismo. **Revista de Autismo e Transtornos do Desenvolvimento**, 46(5), p. 1872-1879, 2016.

DUERDEN, E. G.; OATLEY, H. K.; MAK-FAN, K. M.; MCGRATH, P. A., T, M. J., SZATMARI, P., & ROBERTS, S. W. Risk factors associated with self-injurious behaviors in children and adolescents with autism spectrum disorders. **Journal of Autism and Developmental Disorders**, 42(11), p. 2460–2470, 2012.

FARMER, C. A.; AMAN, M. G. Aggressive behavior in a sample of children with autism spectrum disorders. **Research in Autism Spectrum Disorders**, v. 5, n. 1, p. 317-323, 2011.

FARMER, C., BUTTER, E., MAZUREK, M. O., et al. Aggression in children with autism spectrum disorders and a clinic-referred comparison group. **Autism**. v.19, n. 3, p. 281–291, 2015.

FRAGOSO, S.; RECUERO, R.; AMARAL, A. **Métodos de pesquisa para internet**. Porto Alegre: Sulina, 2011.

GAIATO, M.; TEIXEIRA, G. **O Rezinho autista: Guia para lidar com comportamentos difíceis**. ed. nVersos, 2018.

JÄRBRINK, K.; KNAPP, M. The economic impact of autism in Britain. **Autism**, v. 5, n. 1, p. 7- 22, 2001.

KERNS, C. M.; NEWSCHAFFER, C. J.; BERKOWITZ, S. J. Traumatic Childhood Events and Autism Spectrum Disorder. **J Autism Dev Disord**. v. 45, n. 11, p. 3475-86, 2015.

LANDIM, I.; BORSA, J. C. Revisão sistemática sobre programas de intervenção para redução de comportamentos agressivos infantis. **Contextos clínicos**, v. 10, p. 110-129, 2017.

LIMA, C. W. M; BOSA, C. A. **Sintomas sensoriais no Transtorno do Espectro Autista: análise em crianças e adolescentes verbais e não-verbais**. Porto Alegre, 2021.

MARCOLINO, L. C. M.; CARVALHO, M. R. C. T.; FILHO, G. H. C. N.; PEREIRA, M. S. M. G.; QUEIROZ, R. M. M.; MARCOLINO, A. B. L. Reflexões sobre a violência relacionada às pessoas com Transtorno do Espectro Autista. **Braz. J. Hea. Rev.**, Curitiba, v. 3, n. 5, p. 11674-11684, set./out. 2020.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Revista Educação**, Porto Alegre, RS, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999.

NUNES, A. C. P.; SILVA, C. C.; CARVALHO, C. T. C.; SILVA, F. G.; FONSECA, P. C. S. B.; Violência infantil no Brasil e suas consequências psicológicas: uma revisão sistemática. **Brazilian Journal of Development**. Curitiba, v. 6, n. 10, p.79408-79441, 2020.



ORTEGA, F. et al. A construção social do diagnóstico do autismo em uma rede social virtual brasileira. **Interface. Comunicação, Saúde, Educação**, v. 17, n. 44, jan/mar, p. 119-132, 2013.

RIOS, C. **“Nada sobre nós, sem nós”? O corpo na construção do autista como sujeito social e político**. Rio de Janeiro, 2017.

ROBERTS, C. **Intervenções precoces para problemas de comportamento em crianças com transtornos do desenvolvimento**. *International Journal of Disability, Development and Education*, 50, 275-292, 2003.

SOARES, M. G. V.; ARAÚJO, B. C.; PALITOT, M. D. **Desafios enfrentados por pessoas com autismo frente ao Ensino Remoto Emergencial**. VII Congresso Nacional da Educação, 2021.

STAUB, E. **Aprendizagem e Desaprendizagem de Agressão**. In: Singer, Jerome L. (org.) **O controle da agressão e da violência**. SP, EPU/ EDUSP, 1975.

WESTPHAL, A. **Public Perception, Autism, and the Importance of Violence Subtypes**. **J Am Acad Child Adolesc Psychiatry**. v.56, n. 6, p.462-63, 2017.